



“A poesia e a filosofia: interseções no tear de BEATRIZ HELENA RAMOS AMARAL – um olhar à luz de Kierkegaard

Reynaldo Barreto de Moraes e Castro

Quando mergulho em Kierkegaard tendo os olhos voltados para a tessitura multifacética de Beatriz H. Ramos Amaral, vejo algo especialmente comum entre ambos: a experiência radical da subjetividade, de onde parte o existencialismo do dinamarquês. Mas a intuição que nos permite desvelar interseções possíveis de “saltos”, entre a filosofia do livre pensador e a poesia da tecelã com fios de ouro e teares metalinguísticos, assume diferentes aspectos e projeções.

Kierkegaard conheceu as fronteiras entre o ser e a negação do ser; entre o racional e o irracional, o cume e o abismo, e no vislumbre da estrela-guia além tempo, deu um “salto de fé” para sua luz irradiante sobre a escuridão absoluta dos silêncios e não-respostas de Deus. Um salto para a luz desconhecida do Deus de Abraão que, segundo Kant, poderia mesmo ter parecido antiético ao pedir-lhe o sacrifício de Isaac.

Beatriz H. R. Amaral, com sua obra em poesia e prosa de caráter assistemático e numa vivência não menos radical da subjetividade que o filósofo de “O Desespero Humano”, no fluxo de luz do desespero rítmico-fônico e num incessante devir catártico, cria um salto interseccional com o seu existencialismo. É assim que, em “*Peixe Papiro*”, somos levados à beira do não ser em “*Ricercari*”:

... “**o choque das palavras explodindo no abígio precipício sem resposta.**”

Kierkegaard, que citou Shakespeare como o arquétipo do dramaturgo perfeito que se desesperava com seus imortais personagens, diria, talvez, que a poesia de Beatriz H. R. Amaral nos impulsiona a dar um salto sobre “*a escuridão do abismo de nosso próprio não ser*”, nosso próprio nada, na consciência das asas que pousam sobre o fluxo do devir: o salto da Eu Consciência do espírito para a captação do *Sentido* da mutação incessante de todas as coisas, do rio no qual, sob qualquer hipótese, não nos banhamos jamais duas vezes (Heráclito). É na dinâmica criadora do inédito, comum entre o dinamarquês e a paulistana, que percebemos a intersecção de desesperos positivos em *Busca De Sentido* na filosofia e na literatura. Rios que desembocam suas águas num mesmo Oceano sem perderem a consci-



Beatriz Helena Ramos Amaral

Rodolfo Rodrigues - Editora Colibri

do esboço, do relevo e do contexto” subvertendo o caráter digitalizado da virtualidade moderna com o seu “*círculo ambíguo no diâmetro dos olhos*” – Os Fios do Anagrama - mas cuja rotatividade no fluxo do devir, não perde o seu Centro, e como Kierkegaard, *zomba* dos que permanecem na superfície lógica das coisas.

É no jorro do gêiser formado pelo “*Self Criador*” de ambos, que intuimos uma “intersecção solar”, síntese de finito e infinito, de temporal e eterno, e de Desespero Humano e Peixe Papiro. É nesse espírito que também nos deparamos com os conceitos de *Vontade Total* em Schopenhauer, e de *Substância Única* em Espinoza, e com o *Yoga Integral* de Sri Aurobindo, entre “*os mandalas propícios, férteis, densos, nos quais se navega ao não pensar*” - “*Círculos*” -, na resplandecência dos olhos que “*são pássaros que revestem esquecidas asas*”, e com “*nenhum teor de medo para o salto*” - “*Valladolid*”, *poema de Peixe Papiro e conto de Os Fios do Anagrama*.

“Medo!” Palavra – obstáculo inexistente no Gêiser explodindo de dentro e entre ambos, criando em seu jorro o desvelamento da *Coragem de Ser* no fluxo do próprio desespero positivo entre o ser e o não ser cintilantes.

Aqui, somente a intuição nos levará a perceber porque o voo de uma simples borboleta amarela, na “*Liturgia das Asas*” de Beatriz Helena Ramos Amaral, pode trazer repercussões infinitesimais capazes de influenciar o mundo inteiro. Afinal, nas palavras da Poeta e Mestre em Literatura, tudo em sua Prosa e Verso – como em certos aspectos do pensamento de Kierkegaard são “*Tonalidades díspares. Enredos e estados. Estados de ser e estar no mundo*” ... diante de seus desafios e mistérios.

ência da fonte, do Eixo sustentador e estático (Parmênides), do Centro, da totalidade da psique, do “*Self*”, em Carl Jung, e à Luz do *Suprassentido*, em Viktor Frankl.

Na roda-viva da própria realidade, a linguagem e a metalinguagem de Kierkegaard e de Beatriz Helena Ramos Amaral confluem diretamente ao nosso “*self*”: enquanto o dinamarquês afirma que “*a existência zomba daquele que está querendo ser puramente objetivo*”, e amarra com uma crítica mordaz toda a conjuntura ideológico-filosófica predominante de sua época, defendendo a *alquimia da interioridade* de um pensamento assistemático e absolutamente despreocupado em cativar pelos conformes da razão clássica e de sua impecável lógica - como nos insígnies gigantes Espinoza, Descartes, Leibniz, Kant e Hegel - a Poeta, Ensaísta, e Mestre em Literatura reforça a subjetividade metalinguística com sua voz que “*desponta no meio do texto para contestar o conhecimento*

Reynaldo Barreto de Moraes e Castro é Professor de Filosofia com estudos em Psicologia Analítica (Jung) e Análise Existencial ou Logoterapia (Viktor Frankl).

Jornal de circulação nacional destaca aniversário do Centro Cultural de Montes Claros e o Psiu Poético

Bruno Albernaz



Centro Cultural Hermes de Paula

Os 40 anos do Centro Cultural Hermes de Paula foram destaque em uma das mais importantes publicações literárias do país, o jornal *Linguagem Viva*. A edição do mês de maio do jornal traz em sua capa as comemorações pelo aniversário do Centro Cultural, com destaques também para o Salão Nacional de Poesia Psiu Poético e para o Painele de Poesia Permanente Juca Silva Neto.

A reportagem enfoca a exposição dos poemas da escritora Rosani Abou Adal durante o mês de aniversário do Centro Cultural. A escritora paulista é uma das fundadoras do jornal literário.

Além de contar a história do Centro Cultural Hermes de Paula, a publicação aponta o Psiu Poético como referência no fomento e valorização da literatura e da poesia brasileiras, colocando o evento como responsável direto pela formação de escritores, poetas e artistas.

“Este reconhecimento mostra que o Psiu Poético ultrapassou fronteiras e tem atingido a missão de difundir a poesia e instigar novos escritores”, afirma João Aroldo Pereira, servidor da Prefeitura de Montes Claros e fundador do Psiu Poético.

Linguagem Viva – O jornal *Linguagem Viva* é um tablóide mensal fundado em 1989 por Adriano Nogueira e Rosani Abou Adal. Além de notícias literárias, a publicação apresenta lançamentos de livros, colunas e concursos literários. A edição de homenagem ao Centro Cultural e ao Psiu Poético é a de nº 357.

Bruno Albernaz - Secretaria de Comunicação - Prefeitura de Montes Claros (MG).

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

AVES DE RAPINA

Emanuel Medeiros Vieira

Em memória do poeta Juan Gelman*

Os shoppings são a antiga Agora grega – o coração da cidade. Globalização? Da indiferença?

Cabeças decapitadas, império do tráfico.

Um menino me indaga; “O mal está vencendo?”

Olho fixamente nos seus olhos: “Está”.

Consolo-o: “Mas não será para sempre.”

Sociedade do espetáculo, e o templo é de consumo – não para orar.

O que significa isso tudo?

Desejo do tênis de marca?

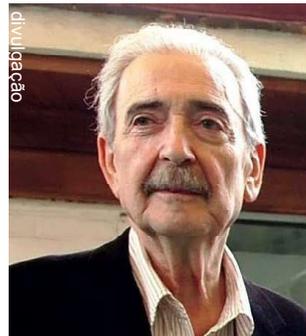
Ou de proclamar: “também existimos”. Grito contra a exclusão, voz dos que não têm voz – a periferia berrando? Não sei. Sei que a baixar o cacete não resolverá. A medida de valor ainda é o dinheiro, a cor da pele.

Desigualdade? Sim. Viramos apenas consumidores. Não cidadãos.

Fim de tudo? De sonhos, ilusões, projetos? Ou não é nada disso.

Será necessária uma funda reflexão sobre o rebaixamento da política no Brasil, onde imperam as manadas, seitas e torcidas organizadas, que não atuam – como já detectaram vários observadores – não em função de suas propostas e de seus projetos, mas apenas para a desqualificação dos que pensam de forma divergente.

“As manadas funcionam como seitas messiânicas submetidas às redes sociais”.



Juan Gelman

Ou redes antissociais?).

E um mundo dessacralizado – sem fé.

“O presente é tudo o que tens como tua possessão. Como Jacó fez com o anjo: retém-no até que ele te abençoe”. (John Greenleaf Whittier.)

*Juan Gelman morreu no México, em 14 de janeiro de 2014, o poeta e jornalista argentino Juan Gelman. Durante a ditadura militar argentina (1976-1983), Gelman teve o seu filho ((Marcelo) assassinado. Sua nora, Maria Cláudia, foi sequestrada enquanto estava grávida e levada ao Uruguai pela “Operação Condor”. Nesse país, deu à luz e desapareceu. A filha do casal (Macarena) foi entregue a um policial uruguaio e só teve a identidade revelada em 2000.

Grande parte da vida deste grande poeta e humanista foi dedicada (com comovente paixão e intensidade) a esclarecer o que havia ocorrido (com sua família e com o seu país), naqueles tempos tão sinistros e sombrios.

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, crítico e membro da Associação Nacional de Escritores.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

“CHORO POR TI, BELTERRA!” E A LINGUAGEM DOS SÍMBOLOS

Rodrigo Felix da Cruz

“Choro por ti, Belterra!”, do escritor e jornalista Nicodemos Sena, é a narrativa da viagem do autor e seu pai para a cidade de Belterra, no estado do Pará, Amazônia brasileira, local que foi administrado pelos norte-americanos da Ford Motor Company, empresa do magnata Henry Ford (1863-1947), durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), como fazenda de produção e extração de borracha. Bernadino Sena, pai do autor, lá viveu durante parte de sua infância.

O livro, composto por 19 capítulos, não pode ser considerado apenas um “relato”, como modestamente classificou o autor em seu prefácio. O leitor mais atento perceberá, sobretudo, a obra como um romance inovador que mescla os gêneros jornalístico, filosófico, lírico e épico-narrativo, tarefa realizada com maestria por Nicodemos Sena.

Desde os tempos remotos, o ser humano raciocinou em função dos símbolos que estavam ao seu redor. Todavia, com o advento do racionalismo, as ciências empíricas tornaram-se o modelo vigente de vida. O psicólogo Carl Gustav Jung (1875-1961) seguiu tendência contrária e resgatou a importância dos símbolos. De acordo com sua teoria, a maioria dos seres humanos acredita viver totalmente ligada ao mundo material. No entanto, todos são ligados de modo sutil aos símbolos de um mundo mais além, denominado “inconsciente coletivo”. Assim, durante a maior parte do tempo, a atividade mental humana ocorre no nível do consciente (empirismo), e a parte ligada à criatividade e sentimentos pertence ao subconsciente.

Segundo Jung, o símbolo é o meio pelo qual o homem encontra o portal para o mundo do “inconsciente coletivo” e dele retira *insights*, ou seja, forças-pensamento sintetizadas e impressas no interior daqueles que acessam o “inconsciente coletivo” que transcende do símbolo.

Nesse mesmo contexto, Proust (1871-1922), em “*À la recherche du temps perdu*” (Em busca do tempo perdido), se propôs a alcançar a essência do tempo para se libertar dele a fim de apreender, por meio da literatura, o significado da realidade escondida no subconsciente. Tal realidade está figurada nos símbolos dispostos no mundo, que, por sua vez, é recriada pelo pensamento do narrador de “Choro por ti, Belterra!”, o qual, através de *insights* induzidos pelo cenário da Vila Bode (Beltterra), realiza *flash backs*, com viagens no tempo, nas quais passado e presente se fundem na compreensão da realidade latente.

Nicodemos Sena inovou pela utilização de imagens fotográficas na complementação das imagens narradas que conectam o leitor às mensagens emitidas pelo “subconsciente coletivo amazônico”. Essa técnica literária consiste em comunicação semiótica, que na atualidade é retomada nas mídias sociais, por meio dos ícones em substituição às frases, à semelhança dos hieróglifos egípcios. Trata-se de comunicação condensada à disposição da interpretação e análise do leitor.

Ademais, no campo da comunicação semiótica, Ferdinand de Saussure (1857-1913) estudou o signo linguístico classificando-o em duas partes: o “significante”, que é o som expresso pelas palavras, e o “significado”, que é seu conteúdo definidor. Por analogia, o mes-



mo ocorre com a linguagem pictórica (das imagens) expressa em “Choro por ti, Belterra!” através das fotografias feitas pelo narrador-autor, nas quais também há o significante, representado pelas imagens, bem como o significado amplo e interpretativo, próprio dos símbolos à luz de Jung.

A narrativa descreve metaforicamente a viagem do narrador e seu pai de modo semelhante ao movimento aparente do sol equatorial na região amazônica durante o dia. No início da jornada, na alvorada, os interlocutores iniciam os dias cheios de dúvidas e expectativas, expressas por diálogos no silêncio dos personagens. Ao meio do dia, no momento que o sol atinge seu ponto culminante, quando as sombras se dissipam (“tudo parecia calmo e

sereno, como se eu e meu papai tivéssemos chegado ao ‘centro do mundo’, àquele lugar mítico onde o Ser encontra consigo mesmo...” – pág. 80), do mesmo modo, os interlocutores compreendem a essência de Belterra, bem como se surpreendem com seu estado de abandono. Por fim, no momento do pôr do sol, há o choro como metáfora de todas as solidões terrenas, o momento de apaziguamento interior.

Nesse ponto da narrativa, Nicodemos Sena emprega o recurso da sinestesia de Baudelaire (1821-1867), da poesia “*Correspondances*” (Correspondências), na qual o artista decifra os sinais, os símbolos da natureza analogicamente, partindo do mundo das percepções sensoriais para adentrar o mundo das ideias; noutras palavras, o autor faz correspondência entre o mundo material e o mundo espiritual como o “homem que atravessa a floresta dos símbolos” (*L’homme y passe à travers des forêts de symboles*).

Por fim, desse exercício de análise e interpretação dos símbolos expressos nas cenas retratadas por Nicodemos Sena em “Choro por ti, Belterra!” (“Símbolos, pai. Símbolos. Tudo são Símbolos. Isto é a realidade.” - pág. 148), da temática regionalista amazônica, surge a universalidade de sua obra com questões existenciais inerentes ao ser humano de qualquer época e lugar.

Rodrigo Felix da Cruz é escritor e Bacharel em Letras e Licenciado em Letras Português-Francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Universidade de São Paulo).

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00
Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para o email
linguagemviva@linguagemviva.com.br
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr

O inesquecível Djalma Allegro

Gabriel Kwak

Dos amigos que tive na vida, um dos cinco maiores foi o poeta Djalma da Silveira Allegro. Fomos por um período quase inseparáveis.

Veio ao mundo em Bebedouro (SP), mas foi registrado na cidade de Viradouro (SP). Ator experiente que era, sabia galvanizar atenções quando recitava, jamais fazendo-o de forma postiça, artificial e pomposa. Declamava com as intenções de ator.

Perdi a conta das noites que atravessamos em conversa que não conhecia fronteiras quanto ao assunto: íamos da letra A a Z. Posso dizer, sem receio, que fui confiante dele, comigo ele se abria e não raro se emocionava, com os olhos marejados, contava alegrias de sua vida, segredava decepções. Em algumas dessas conversas notívagas, nos acompanhava a escritora e editora do jornal *Linguagem Viva*, Rosani Abou Adal, o professor de cinema, Francisco Conte (já falecido), o bibliotecário, escritor e diretor da União Brasileira de Escritores (UBE), matriz São Paulo, José Domingos de Brito, o escritor, tradutor e promotor cultural, Luis Avelima, o poeta e engenheiro Chico Moura (Francisco Moura Campos, também falecido em 2017).

Djalma, como sabia os que o conheceram, não dispensava nessas ocasiões gregárias o uisquinho com gelo e se contentava com o *scotch* nacional Teachers. E sempre gostava de bebericar beliscando algum tira-gosto ao alcance. Quase sempre, o mesmo táxi nos conduzia aos nossos endereços. Ele desembarcava no bairro de Perdizes, onde morava, às vezes noite alta. Sua esposa, Neyde, seguramente o esperava. Eu seguia para o meu destino.

la a todos os meus aniversários sempre levando uma lembrança marcante como presente.

Sua partida surpreendeu a muitos. Não contara sobre o mal que infelizmente o levou. Mas também pouco sofreu. Hospitalizado, poucos dias depois, Djalma Allegro nos deixou, saindo deste mundo à

francesa, sem marcar a “saideira”. Mas estou convencido de que ele queria viver.

Era sempre um conversador agradável, fascinante, cheio de charme, bom-humor, erudição, *mots d'esprit*. Sempre com o laço bem encetado na gravata e ternos bem apresentáveis, os cabelos prateados fixados com spray, sempre com a agenda numa mão e a cigarreira noutra. Nas ocasiões informais, não raro adotava a camisa de gola rolê, os cashmeres.

Parecia amar as madrugadas. Magnetizava na conversa, sobretudo, os jovens. Ele tinha muita ascendência entre as gerações mais novas. Antigo galã de TV, ator formado numa das primeiras turmas da EAD (Escola de Arte Dramática), onde foi contemporâneo de Francisco Cuoco, Miriam Mehler e Aracy Balabanian.

Protagonista de renomado programa na TV Cultura – Canal 2, chegou a ser dono de uma companhia de teatro. Um de seus apelidos na juventude foi “Grego”. Já não me recordo por quê...gostava imensamente de música, de cantar, de entoar emboladas. Endereçava-me cartas com desenhos pitorescos, graciosos à mão. E sempre um chiste, uma brincadeira, um cartão de Natal de fino trato. Sabia rir de si mesmo, índice de inteligência.

Não raro o nosso Baudelaire recitava seu carro-chefe, um monólogo tocante escrito em linguagem caipira (“*To be or not to be* no Sertão”), inspiradíssimo texto de que guardo cópia numa folha A4...). Djalma sonhava em ver um dia seu “Shakespeare acaipirado” declamado por Rolando Boldrin. Sabia que ele dominava a técnica do poema tanto nos versos livres quanto nos versos rimados e metrificados, mas certa vez me entregou um conto que publicou intitulado *O Toco*. Este conto foi publicado numa edição praticamente particular em formato (veja só) de talão de cheque. *O Toco* é de primeira qualidade, mas muito triste, ensombrece a alma da gente. Também publicou clandestinamente, sem alarde, muito tempo atrás seus “pornopoemas”, versos libertinos, bem sacanas... in-



Djalma Allegro e Gabriel Kwak

clusive, me recordo de um em que uma moça seguia na garupa de uma bicicleta. A moça se chamava Marcela. A rima? Magrela.

Jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero, militou nas redações de revistas da Editora Abril como *Capricho* e, salvo engano, no *Jornal da Tarde*. Atuou no comércio, além disso, com uma firma, parece, de autopeças.

Era sempre prestativo, prestante, solidário, lhano. Prestigiava sempre as noites de autógrafos dos seus amigos, todo sorriso. Diretor por mais de duas gestões da UBE, sendo tremendamente querido pelos associados da entidade de classe. Foi incumbido de implantar uma Academia de Letras na OAB-SP, projeto que não se concretizou. Ocupou a secretaria-geral da CAASP (Caixa de Assistência dos Advogados de São Paulo) e foi professor de Legislação Cinematográfica. Frequentava os jantares e encontros literários da Pensão Jundiá (comandados pela escritora Mariazinha Congílio) e a Casa do Poeta Lampião de Gás

(entidade que reúne poetas e trovadores de São Paulo, fundada pela poetisa Colombina).

O livro que reuniu sua obra completa em versos, *Retomada* (1999), foi lançado com estrondoso sucesso na Casa das Rosas. *Retomada* foi editado pelo lendário mestre tipógrafo Massao Ohno, que também foi amigo e companheiro “de copo” de Djalma Allegro.

Djalma Allegro deixou inacabado o livro que seria a maior realização da sua vida, intitulado *Menino de Olheiras*. Era o livro que estava nas suas células, no seu sangue. Seu depoimento em prosa poética sobre o que sentia. Leu alguns trechos do manuscrito para mim quando estive no seu escritorzinho no seu apartamento, com o rosto banhado em lágrimas. Creio que também não concluiu a elaboração de duas peças infantis, *No Reino do Mel Azedo* e *Revolução no Bolso de Trás*.

Não há dia que não me lembre deste meu camarada, que se considerava acima de tudo poeta (gracejava dizendo que a advoca-

ESQUINA CULTURAL

Compra e Venda de Livros, LP's, CD's, DVD's, Revistas e Quadrinhos.

Livros didáticos de todas as áreas

redemegaleitores@gmail.com - www.megaleitores.com.br
Loja: Rua Quintino Bocaiúva, 309 - Sé - Tel.: (11) 3105-6714



Geraldo Pereira, Fernando Jorge, Rosani Abou Adal e Djalma

cia trabalhista era “um hobby que lhe tomava muito tempo...” Advogou até seus últimos dias, no seu escritório em sociedade com sua colega Anna Martha Ladeira, chegando, inclusive, a fazer sustentação oral em tribunais superiores. Possivelmente, sua saúde foi sacrificada pelo fato de Djalma ser fumante inveterado e irredutível. Em 26 de maio passado, teria completado 81 anos. Foi casado com Neyde por 54 anos, sem contar o tempo de namoro. Juntos tiveram os filhos: Ricardo, Adriana e Mônica. Djalma Allegro deixou também os netos: Pedro, Clara, Marina, Helena e Guilherme. Era parente distante dos Silveira, clã a que pertenciam os escritores e jornalistas

Helena Silveira, Miroel Silveira, Isa Silveira Leal. Era primo da jornalista Helô Machado, ex-editora do caderno “Ilustrada”, da *Folha de S.Paulo*.

O performático e bom Djalma foi um humanista da mais alta linhagem. Humano, demasiado humano. Um sol do meio dia que se recolheu no dia 19 de dezembro de 2017. Pregou-nos essa peça. Ele, que por pouco não chegou nos redondos 80 anos, muito me influenciou. Teve um enorme significado pra mim e acredito que para muitos. Para homenageá-lo, realçamos aqui seu poema “Ladainha” do já citado *Retomada*:

*“Os sonhos se perderam na consciência
e a fantasia dizimou-se de razão;
o amor não é mais chama, é uma ciência
descolorida e vã, no coração.*

*Tu já não és anseio, nem paixão;
nem eu sou mais o vate da inocência;
a tua mão pousada em minha mão
tem o sabor de enorme incoerência.*

*Nossas vidas, de argila e de concreto,
sem sonhos, sem desvelos e aventuras,
mortas de todas previsões futuras,*

*se desgastaram no cálculo abjeto,
de cujo resultado, só correto,
tinha o amor... e algumas formas puras.”*

Gabriel Kwak é jornalista, escritor, revisor e integrante da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA).

Poemetos

Rosani Abou Adal

Planalto sem palácio
o povo em transe
sem governo

Lagostas regadas
de espumante francês
nas mesas dos Três Poderes,
a fome devastando sonhos
nos pratos da periferia.

Constrói casas
edifica sonhos
a cama de jornais
acolhe seu corpo
nas ruas da cidade

Corte de verbas
na Cultura e Educação
alimentam beócios

Cortes de verbas
na Saúde
hospitais em agonia

Do novo livro *Manchetes em Versos*
que será lançado no segundo
semestre de 2019.

Rosani Abou Adal é escritora,
jornalista, publicitária e vice-
presidente do Sindicato dos
Escritores no Estado de São
Paulo. www.poetarosani.com.br

AUSÊNCIA

Raymundo Farias de Oliveira

O relógio de pêndulo
está parado
desde o dia de tua partida...

Não ouço mais
a música das horas...
O silêncio é profundo
e, sozinho,
eu me sinto perdido
na vasta escuridão
de tua ausência!

Raymundo Farias de Oliveira é
escritor, poeta e Procurador
do Estado aposentado.

NO ESPELHO

Teresinka Pereira

A luz vem
de um espelho afilado
que reflete
o tamanho do silêncio.
De repente uma tempestade
se arma contra o tempo
e as imagens
viram procissões de versos
que se acendem
entre as linhas do colo:
realidade latente!

Teresinka Pereira é escritora,
poeta e presidente da
International Artists and
Writers Association.



Livraria Sebo Liberdade

Livros didáticos e universitários
CD's - DVD's

www.seboliberdade.com.br - sebo.liberdade@gmail.com

Pça Carlos Gomes, 124 - metrô Liberdade
Tels.: (11) 3242-2181 - 3115-1579

Almoço do Jornal



Hugo Padilla - Sinthoresp

Fernando Jorge, Rui Ribeiro, Cláudio Feldman, Tania Feldman, Fábio Siqueira, Geraldo Pereira, Luisa Moura, Maria Eduarda Monzani, Nilson Araújo Souza, Raquel Naveira, Rosani Abou Adal, Anival Alves Cordeiro, Odete Mutto, Roberto Scarano, Gabriel Kwak, Celly Molitor e Raymundo Farias de Oliveira.

Linguagem Viva realizará o próximo almoço de confraternização no dia 11 de julho, quinta-feira, das 12h30 às 15 horas, no restaurante do Leques Brasil Hotel-Escola do Sinthoresp - Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis, Apart Hotéis, Motéis, Flats, Pensões, Hospedarias, Pousadas, Restaurantes, Churrascarias, Cantinas, Pizzarias, Bares, Lanchonetes, Sorveterias, Confeitarias, Docerias, Buffets, Fast-Foods e assemelhados de São Paulo e região -, Rua São Joaquim, 216 - esquina com Rua Taguá - estação metrô São Joaquim, em São Paulo.

Serão realizados almoços mensais, até o final do ano, em virtude dos 30 anos de fundação do jornal que será comemorado em setembro.

O primeiro encontro, realizado no dia 13 de junho, contou com as presenças de Anival Alves Cordeiro, Celly Molitor, Cláudio Feldman, Fábio Siqueira, Fernando Jorge, Gabriel Kwak, Geraldo Pereira, Luisa Moura, Maria Eduarda Monzani, Nilson Araújo Souza, Odete Mutto, Raquel Naveira, Raymundo Farias de Oliveira, Rosani Abou Adal, Roberto Scarano, Rui Ribeiro e Tânia

Feldman.

O almoço é por adesão, pago no local, ao preço de R\$ 34,77 mais 10% de taxa de serviço. Inclui saladas, pratos quentes, sobremesas, água, refrigerante e *buffet* italiano à vontade.

O local tem acesso para deficientes, estacionamento com manobrista e ponto de taxi em frente.

É necessário confirmar presença pelo WhatsApp (11) 97358-6255 ou por mensagem para linguagemviva@linguagemviva.com.br

TROVAS

Débora Novaes de Castro

Um grilo ensaia, à tardinha,
na touceira, os seus cri-cris...
Na lagoa, uma rãzinha
põe em xeque o que ele diz.

Trovas, mais trovas, tem dia,
difícil, tê-las nas ocas;
são índias da fantasia,
espoucam como pipocas.

De cócoras na calçada
e coberta de farrapos,
a menina, conformada,
nem percebia seus trapos.

In.: *Das Águas do Meu Telhado*, Livro-Arte.

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC-São Paulo, 2004.
www.deboranovaesdecastro.com.br

TROVAS

Amaryllis Schloembach

O orvalho, do céu liberto,
de uma flor se fez amante,
e em seu regaço entreaberto
pôs um límpido brilhante!

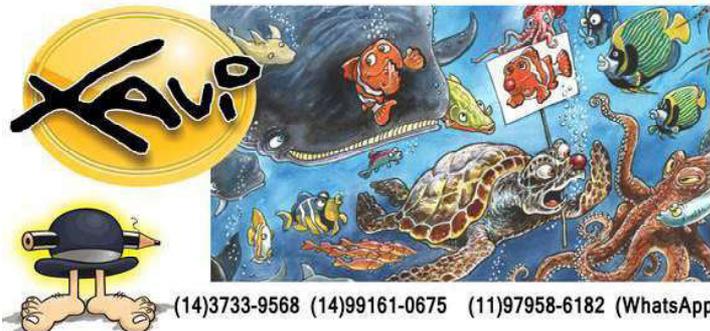
Invejo a rosa tão linda,
que, sem ligar para a sorte,
a vida perfuma ainda,
altiva, à espera da morte!

Amaryllis Schloembach é poeta, escritora, cronista, tradutora, jornalista e advogada.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -
Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - Cel.: 97382-6294
soninhaabou@gmail.com



(14)3733-9568 (14)99161-0675 (11)97958-6182 (WhatsApp)

www.xavierdelima1.wixsite.com/xavi

ASSOCIAÇÃO CULTURAL LETRASSELVAGEM & LIVRARIA SELVAGEM



Espaço Selvagem

A Associação Cultural LetraSelvagem inaugurou o Espaço Selvagem, no dia 25 de maio, Rua Cônego de Almeida, 113 (esquina com a Rua Silva Barros) – Centro, em Taubaté (SP).

O espaço abriga livraria que oferecer ao público livros, CDs, DVDs, peças de arte e artesanato.

O Espaço Selvagem promove atividades de informação, reflexão e formação de uma consciência cidadã, através de saraus, leituras, palestras, debates, oficinas de artes, projeção de filmes e audiovisuais com análise e discussão sobre seus conteúdos.

A LetraSelvagem, criada em 2007, tem como objetivo incentivar o gosto pela leitura e promover a linguagem literária e atividades que

estimulem a tomada de consciência pelas populações, povos e etnias submetidos a qualquer tipo de dominação. Defende a produção literária, especialmente a brasileira e latino-americana. Tem como meta apoiar, produzir e incentivar gestões direcionadas ao resgate cultural das populações, povos e etnias marginalizados, visando a democratização do acesso aos bens culturais.

É uma entidade cultural sem fins lucrativos, com total autonomia em relação aos poderes do Estado, que rejeita toda e qualquer ajuda do erário público.

Informações: (12)992033836.
letraselvagem@uol.com.br
www.livrariaselvagem.com.br
www.letraselvagem.com.br

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



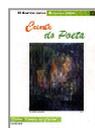
Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPÍRITO DE TROVAS
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Livros

Dias ácidos, noites lisérgicas, de Claudio Willer, Editora Córrego, São Paulo, 150 páginas.

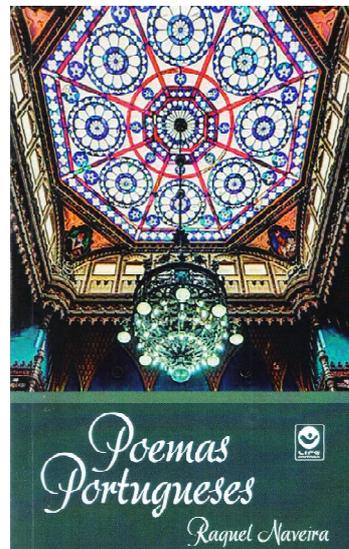
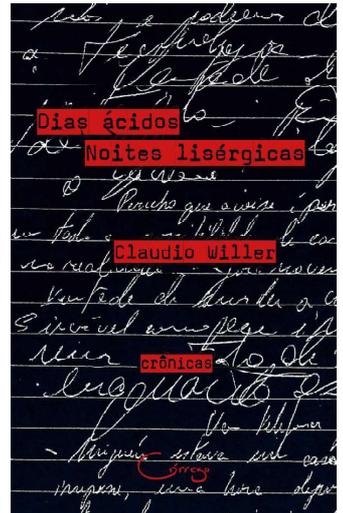
O autor é escritor, ensaísta, poeta, tradutor, sociólogo, psicólogo, Doutor em Letras na USP, tese defendida em 2008 com o título "Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna". Bolsista de pós-doutorado pela FAPESP de 2008 a 2011 na USP, com o tema "Religiões estranhas, hermetismo e poesia". Exerceu o cargo de presidente da União Brasileira de Escritores.

Segundo Wilson Alves Bezerra: "Dias ácidos, noites lisérgicas" é a narração de memórias a partir de paraísos artificiais, desde os anos sessenta até a atualidade, texto poderoso que termina em tom menor ao evocar as quebradas da zona sul de São Paulo, nas fronteiras da cidade em expansão rumo à periferia.

Ao fim do livro, o leitor vacila: não sabe se leu um livro de memórias de um poeta, ou se leu um livro das memórias de uma cidade, ou ainda, se leu memórias inventadas suas ou memórias da literatura de outros. Pois *Dias ácidos, noite lisérgicas* é tudo isso ao mesmo, e ainda mais: é o relato de experiências lisérgicas, sexuais, afetivas de um homem cujas memórias se inscrevem no corpo da cidade, sua cidade – um ente vivo que se metamorfoseia enquanto ele a rememora."

Editora Córrego: <http://www.editoracorrego.com.br/produto/469080/dias-ácidos-noites-lisérgicas-de-claudio-willer>

Claudio Willer: <https://claudiowiller.wordpress.com> - cjwiller@uol.com.br



Poemas Portugueses, de Raquel Naveira, Life Editora, Campo Grande (MS), 96 páginas. ISBN: 978-85-8150-622-7.

A autora é escritora, poeta, advogada, romancista, professora, cronista, autora de livro infantil, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), vice-presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, membro do PEN Clube do Brasil e da Academia Cristão de Letras de São Paulo. Foi agraciada com o Prêmio Guavira da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul.

O livro foi editado com apoio da Associação Luso-Brasileira de Campo Grande-MS e do Clube Estoril da Associação Luso-Brasileira de Campo Grande-MS.

A obra reúne poemas sobre a temática portuguesa publicados nos livros *Senhora do Adro*, *Sangue Português: Raízes, formação e Lusofonia - primeira parte*, *Casa de Tecla*, *Jardim Fechado: Uma antologia poética* e o poema inédito *Lisboa Chorou*.

Life Editora: www.lifeeditora.com.br

Raquel Naveira: raquelnaveira@gmail.com



Stella Leonardos e Sonia Salles

Stella Leonardos, escritora, poeta, teatróloga, romancista e tradutora, faleceu no dia 11 de junho, no Rio de Janeiro. Nasceu no dia 1 de agosto de 1923, no Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de presidente da Academia Carioca de Letras e de diretora da UBE-RJ em várias gestões. Fundadora da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. Foi agraciada com os prêmios *Olavo Bilac* da Academia Brasileira de Letras, *Casemiro de Abreu* da Secretaria de Educação e Cultura, *Júlia Lopes de Almeida* da Academia Brasileira de Letras, *Batista I Roca* do "Institut de Projecció Exterior de la Cultura Catalana" (Barcelona, Espanha), entre outras importantes lãureas. Formada em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhou como tradutora do catalão, espanhol, francês, inglês, italiano e provençal. Autora dos livros de poemas *Passos na Areia* (livro de estreia), *E Assim se Formou a Nossa Raça*, *A Grande Visão*, *Amanhecência* e *Memorial da Casa da Torre*. Dos Romances *Quando os Cafezais Florescem* e *Estátua de Sal*. Sua peça *Palmares* foi encenada, em 1944, no Rio de Janeiro, pelo grupo Teatro do Estudante de Paschoal Carlos Magno, com a colaboração do recém fundado *Teatro Experimental do Negro*.

Cássio Faedo, advogado e Mestre em Direitos Fundamentais, lançou *Erradicação do Trabalho Infantil*, pela Lesto Editora.

Miguel Antonio Buzzar lançou *Rodrigo Brotero Lefèvre e a vanguarda da arquitetura no Brasil*, pelas Edições SESC. Apresenta a trajetória do arquiteto Rodrigo B. Lefèvre e traz prefácio do arquiteto Sérgio Ferro

O Pannel Permanente de Poesia Juca Silva Neto apresenta, de 1 a 15 de junho, os trabalhos poéticos de Geisa Karoline de Jesus Calisto, na Biblioteca Pública Municipal "Doutor Antônio Teixeira de Carvalho", no Centro Cultural Hermes de Paula, em Montes Claros (MG).

Dramaturgia Negra, obra organizada por Eugênio Lima e Julio Ludemir, foi lançada pelas Edições Funarte.

A Flipop será realizada de 2 a 4 de agosto, no Centro Cultural São Paulo, Rua Vergueiro, 1.000, em São Paulo.

A 17ª Edição da Flip, que será realizada de 10 a 14 de julho, em Paraty, disponibilizará a venda de ingressos na bilheteria oficial da Flip no Auditório da Matriz, Praça Monsenhor Hélio Pires s/n, Praça da Matriz - Centro Histórico.

Notícias

Claudio Willer, escritor, poeta, tradutor, ensaísta, Doutor em Letras pela FFLCH-USP e ex-presidente da União Brasileira de Escritores, lançou *Dias ácidos, noites lisérgicas*, pela Editora Córrego. claudiowiller.wordpress.com/

Beatriz Helena Ramos Amaral lançou *Escritos Jurídicos*, pela RG Editores, com prefácios de Felipe Locke Cavalcante e de Ivette Senise Ferreira. A capa é da artista plástica Suzana Meyer Garcia.

A Associação Brasileira das Editoras Universitárias elegeu nova Diretoria, para o período de 2019-2021, que será presidida por Rita Virgínia Argollo.

Regina Maria Bueno Bacellar, Adriana de Fatima Pilatti Ferreira Campagnoli e Silvana Souza Netto Mandalozzo lançaram *Constituição Federal de 1988 e a Reforma Trabalhista*, pelo Instituto Memória Editora.

A Comissão Especial de Direitos Autorais do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, para o triênio 2019/2022, é composta por Sydney Limeira Sanches (presidente), Paula Mena Barreto Pinheiro (vice-presidente), Paula Helene Vergueiro, Gustavo Martins de Almeida, Ygor Colalto Valério, Clarissa Kéde de Freitas Lima, Karina Helena Callai, Rodrigo Kopke Salinas, Attilio José Ventura Gorini, Roberta Maria Rangel, Antonio Carlos Morato, Cláudio Lins de Vasconcelos, Silmara Juny de Abreu Chinelato, Glória Cristina Rocha Braga e Hildebrando Pontes Neto.

A Imprensa Oficial lançou a 3ª edição de *Com a palavra, Luiz Gama – Poemas, artigos, cartas, máximas*. A obra, organizada por Lígia Fonseca Ferreira, reúne textos, poemas, artigos, cartas do autor abolicionista e ensaios a ele dedicados por seus contemporâneos.

Victoria Shorr lançou, pela Editora Griphus, o romance *Os últimos dias de Lampião e Maria Bonita*.

Andreia Donadon Leal e José Benedito Donadon Leal, poetas Aldravistas, foram homenageados pela Sociedade Geografia de Lisboa com a medalha de 130 anos de Labor Científico pelos relevantes méritos culturais e científicos realizados no Brasil e Portugal. Após a homenagem, Andreia Donadon Leal deu posse à Dra. Celeste Cortez como Coordenadora do Movimento Aldravista em Portugal.

A Academia Brasileira de Letras reabriu, no dia 6 de junho, a Biblioteca Rodolfo Garcia sob a direção do Acadêmico e jurista Alberto Venancio Filho. Na ocasião foi inaugurada a exposição "Memória Bibliográfica: a construção do acervo". A biblioteca conta com um acervo de aproximadamente 91.000 títulos.

A Editora UNESP disponibiliza gratuitamente livros para download, no formato PDF ou Epub, em <http://editoraunesp.com.br/catalogo/ebooks>. Os interessados deverão fazer cadastro para poderem baixar os livros.

O Jogo da Amarelinha, de Julio Cortázar, foi lançado pela Tapera Taperá e Companhia das Letras. O projeto gráfico é de Richard McGuire e a tradução de Eric Nepomuceno. Os textos são de Haroldo de Campos, Mario Vargas Llosa, Julio Ortega e Davi Arriguetti Jr.

Carlos Alberto Teixeira de Oliveira lançou *Juscelino Kubitschek – Profeta do Desenvolvimento – Exemplos e Lições ao Brasil do Século XXI*, pela Editora MercadoComum – Publicação Nacional de Economia, Finanças e Negócios. A obra em três volumes abriga material inédito com cerca de 250 discursos de Juscelino Kubitschek no período em que ocupou a Presidência da República.

Diléia Aparecida Martins Briega, docente do Departamento de Psicologia (DPsi) da Universidade Federal de São Carlos, lançou o e-book *Você disse Libras? - O acesso do surdo à educação pelas mãos do intérprete de Libras*, pela Editora Letraria, disponível em www.lettraria.net/voce-disse-libras.

Memorando, de Geraldo Mayrink e Fernando Moreira Salles, livro de memórias, lançado pela Companhia das Letras, que recupera a história de uma geração em espaços do Rio de Janeiro e São Paulo dos anos 50 a 80.

Escobar Franelas lançou, pela editora Desconcertos, o romance *Premiado*. O autor investiga as profundezas da natureza humana, onde ganhar um prêmio de loteria pode significar tanto a construção da felicidade como pode provocar a destruição da mesma. A obra, lançada como e-book pelo portal Amazon, concorreu e foi classificada entre os cinco melhores livros de temática negra, em concurso da Rico Editora (DF).

Raquel Naveira foi eleita sócia-correspondente brasileira da Academia das Ciências de Lisboa, no dia 30 de maio.

Raquel Naveira lançou no dia 10 de junho, no Clube Estoril de Campo Grande/MS, o livro *Poemas Portugueses*, pela Editora Life. Na ocasião, também foi realizado ato cívico em comemoração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas.

Armênios e Brasileiros: marcas de uma convivência, de Sossi Amiralian, lançado no Consulado Geral da Armênia em São Paulo/SP, abriga prefácio de autoria de Raquel Naveira. A professora Sossi escreveu um capítulo analisando e comentando o livro *Sob os Cedros do Senhor: a imigração árabe e armênia em Mato Grosso do Sul*, de Raquel Naveira.

A Casa Amarela recebeu "Esses benditos malditos", Celso de Alencar e Claudio Willer, para uma roda de conversa, no dia 1 de junho. O evento contou com a produção de Akira Yamasaki, Sueli Kimura, Luka Magalhães e Rosinha Moraes e mediação de Escobar Franelas. Na ocasião foi inaugurada a exposição "Os fios do destino", do quadrinista e artista gráfico Will Sideralman, que ficará cartaz por três meses na Casa Amarela, Rua Julião Pereira Machado, 7, São Miguel, em São Paulo.